

# DA COMUNICAÇÃO VISUAL PRÉ-HISTÓRICA AO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ESCRITA, E, A EVOLUÇÃO DA AUTENTICIDADE DOCUMENTOSCÓPICA.

**GROBEL, Maria Cecília Blumer; TELLES, Virgínia Lúcia Camargo Nardy.**

E-mail: mcbgrobels@bol.com.br

Centro de Pós-Graduação Oswaldo Cruz

***Resumo:** Este artigo tem por finalidade abordar algumas fases da pré-história, fases estas em que o homem começou a desenvolver a comunicação. Seu objetivo é dar ao leitor uma visão de como surgiu a escrita, através de pinturas encontradas em cavernas e sítios abertos. Será igualmente abordada a questão da autenticidade de tais pinturas, aspecto que levou a documentoscopia dos dias atuais. Ao longo do artigo serão comentados a evolução da escrita, seus diversos tipos e variações, bem como aquelas que foram desaparecendo com o passar dos anos. Ilustrações fazem parte deste trabalho, para que o leitor tenha a visualização de alguns artefatos arqueológicos.*

***Palavras-Chave:** Autenticidade, pinturas (desenhos) rupestres, escrita cuneiforme, pictografia, arqueologia, documentoscopia.*

***Abstract:** This paper aims to address some phases of prehistory, these phases when man began to develop communication. Your goal is to give the reader an insight into how the writing came through paintings found in caves and open sites. It will also address the issue of the authenticity of these paintings, which led to documentoscopia aspect of today. Throughout the article will be discussed the evolution of writing, the different types and variations, as well as those that disappeared over the years. Illustrations are part of this work, so that the reader has a preview of some archaeological artifacts.*

***Keywords:** Authenticity, paintings (drawings) rock, cuneiform, pictographs, archeology, documentoscopia.*

## 1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, mais precisamente quando o homem começou a viver em sociedade e a comunicar-se verbalmente, surgiu à necessidade, também, de comunicar-se por escrito, ou seja, de passar suas ideias e suas vivências tais como a caça, a pesca, o plantio, poder, etc., através de alguma forma de comunicação, sobretudo para perpetuar sua existência.

Neste período, mais precisamente na Pré-História, o homem começou a deixar o registro de sua comunicação, encontrado em diversos sítios arqueológicos, como cavernas e paredes de montanhas.

Tem este artigo, como principal foco, levar ao conhecimento do leitor um pouco de como foi o princípio da comunicação humana, através inicialmente dos

desenhos rupestres e posteriormente de escritas feitas em diversos tipos de suportes, por diferentes povos.

Será feita uma abordagem, sobre algumas cavernas onde encontram-se desenhos rupestres estudados ainda hoje por pesquisadores, uma vez que estes são considerados como o berço da comunicação humana.

Da Pré-História, passar-se-á para a História, momento em que a escrita começou a ganhar status de comunicação, uma vez que o homem, já mais evoluído, começou a preocupar-se em deixar gravados seus feitos, suas colheitas, seus estoques de alimentos e mesmo seu escambo.

Com o passar do tempo, o homem entendeu a necessidade de dar autenticidade aos documentos criados por ele, surgindo então a assinatura elaborada em placas de argila úmida, cabendo aqui, passar também ao leitor, algumas das formas de autenticação de documentos nesta fase da evolução humana.

## **2 PRÉ-HISTÓRIA – GENERALIDADES, CAVERNAS, SETE CIDADES, COMUNICAÇÃO VISUAL.**

### **2.1 Generalidades**

A Pré-história compreende um período, em que o homem não tinha o conhecimento da escrita, este conceito aparece somente no século XIX. Hoje, a partir de estudos arqueológicos dos locais onde se organizavam e produziam artefatos como pinturas, desenhos e gravuras rupestres, ferramentas, esculturas, armas, entre outros, revelando sua forma de vida, tornando possível descrever sua história.

O estudo de povos antigos exige vários especialistas para sua compreensão. O arqueólogo estuda os artefatos materiais, o geólogo estuda a formação dos solos, o botânico analisa os restos vegetais fossilizados, o antropólogo os aspectos físicos, traçando a evolução, o etnólogo faz analogias dos povos primitivos com o presente, o paleontólogo analisa os fósseis animais encontrados, reconstituindo a fauna da época, os fotógrafos para registrar todos os achados e locais exatos, os biólogos para as análises de DNA, os químicos para a análise da idade dos artefatos, e o espeleologista que é especialista com várias formações, como biologia e geografia entre outras, estudioso dos ambientes das cavernas, especializado sobre o comportamento dentro de um ambiente extremamente sensível.

Uma equipe multidisciplinar tem reconstruído a história, dos povos antigos, através dos artefatos deixados em locais de escavação. Uma das descobertas mais antigas com relação a vestígios deixados por povos longínquos, foi encontrado na Garganta de Olduvai na Tanzânia, local considerado, “Berço da Humanidade”. Neste local foram localizados os mais antigos artefatos já encontrados: pedras lascadas e ferramentas datadas de 2 milhões de anos. (HART-DAVIS, 2009)

A Terra foi colonizada, pela necessidade do homem pré-histórico de ocupar novos espaços pela escassez de alimentos, como a caça e colheita de plantas. Os sobreviventes eram os que se adaptaram a mudança de clima de frio extremo para seco. Os artefatos documentam as grandes distâncias percorridas pelo homem enquanto colonizava o planeta em cavernas e campos abertos, documentando sua migração. Para compreender melhor a migração do homem nos continentes está o fato de que o DNA mitocondrial foi passado pela mãe para o filho em todas as

gerações. Assim compartilhamos a informação genética com a “Eva africana” de 150 mil anos atrás. (HART-DAVIS, 2009)

## 2.2 Cavernas

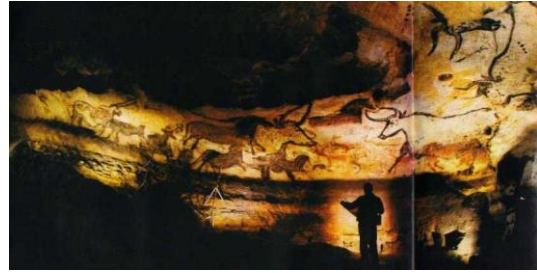
Caverna significa gruta, sendo um espaço natural rochoso com extensões que possibilitam a entrada de seres humanos. Sua formação pode ser horizontal ou vertical, formando galerias, em terrenos constituídos por rochas sedimentares, ígneas e metamórficas, podendo também ocorrer em geleiras e recifes de coral.

**Figura 1:** Caverna de Altamira



HART-DAVIS, 2009

**Figura 2:** Caverna de Lascaux



HART-DAVIS, 2009

### 2.2.1 Caverna de Altamira

Localizada a 30 km da cidade de Santander na Espanha, descoberta em 1868 por Modesto Cubillas, que informou Marcelino Sanz Sautuola, que a visitou pela primeira vez em 1875. Sautuola foi à França para pesquisar algumas descobertas arqueológicas, pré-históricas, retornando só em 1879 para a caverna de Altamira, acompanhado por sua filha Maria, sendo a primeira pessoa a ver as pinturas policromadas, que foi o primeiro conjunto de grande extensão na descoberta de pinturas rupestres com muito realismo, para época. Foi considerada a Capela Sistina da arte quaternária da pré-história. (<http://museodealtamira.mcu.es/>, 2012).

Está fechada ao público desde 2002, para preservação das pinturas rupestres em suas paredes. O Ministério da Cultura nomeou a equipe do Conselho Superior de Investigações Científicas espanhol (CSIC), que concluíram através de pesquisas, pela não reabertura da caverna aos visitantes. (SAIZ-JIMENEZ, 2011).

### 2.2.2 Caverna de Lascaux

A Caverna de Lascaux em Montignac na França, foi descoberta em setembro de 1940, por quatro jovens aventureiros, Marcel Ravidat, Jacques Marsal, Georges Agniel e Simon Coencas, que retornaram algumas vezes para poder adentrar a caverna. O orifício da fenda foi ampliado e Marcel que, com uma corda desceu da abertura do orifício ao chão, foi o primeiro que se aventurou no poço profundo que tinha em torno de 2.4 metros de profundidade. No chão, ele encontrou a cena do homem que enfrentava o búfalo. Esta aventura dos quatro jovens foi descrita ao seu professor, Leon Laval, que descreve a descoberta ao abade Henri Breuil, o qual faz o reconhecimento no mesmo mês. (<http://www.lascaux.culture.fr.julho>, 2012).

Em 1951 enviaram fragmentos de carvão vegetal das escavações de poços da Caverna de Lascaux, e analisados em Chicago, no laboratório do Dr. W. Frank Libby, o criador do método de radiocarbono C14. Estes fragmentos foram datados, por volta de 15.500 anos a.C. (<http://www.lascaux.culture.fr.julho>, 2012).

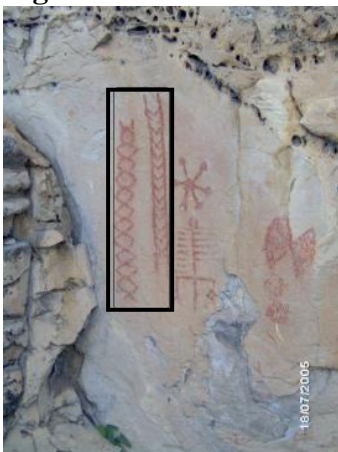
## 2.3 Sete Cidades

Em 1886 o Parque Nacional das Sete Cidades, localizada na cidade de Piripiri, Estado do Piauí, Brasil, foi batizado de Sete Cidades, pelo jornalista cearense Jácome Avelino Batista pelas formações rochosas separadas em sete conjuntos, o qual escreveu um artigo em 9 de dezembro de 1886, intitulado de “Cidade Petrificada no Piauí”.(LUSTOSA, MEDEIROS, 2002).

Caracterizam – se por rochas de arenito, esculpidas pela ação dos ventos, chuvas e calor, por mais de 190 milhões de anos. O visual é tão impressionante, que alguns falam que teria sido feito pelos fenícios ou extraterrestres. (LUSTOSA, MEDEIROS, 2002).

O Parque Nacional das Sete Cidades é o menor parque nacional do Brasil, com 6.210 hectares, contém uma infraestrutura de pesquisa e turismo, com um Centro de Visitantes e é obrigatória a contratação de um guia credenciado, para controle das visitas a todos os monumentos naturais e pinturas rupestres, inclusive com placas informativas. Existem mais de 20 sítios arqueológicos, cerca de 1000 figuras abstratas, ao ar livre e ambientes fechados, estimadas de 6000 a10000 anos idade. (LUSTOSA, MEDEIROS,2002)

**Figura 3:** Forma do DNA



Grobel, 2005.

**Figura 4:** Mão de seis dedos



Grobel, 2005.

## 2.4 Comunicação visual

O homem antes de aprender a falar, aprendeu a comunicar-se através da visão. A partir do momento que os homens deixaram de ser nômades e passaram a fixar-se em uma determinada região, passaram a ter mais tempo disponível, dele fazendo uso para dedicar-se a arte da comunicação, ou seja os desenhos rupestres encontrados por pesquisadores em diversos sítios arqueológicos, nos paredões das cavernas e dos rochedos ao ar livre, como se fossem os grafites dos dias atuais. (PARELLADA, 2009).

Os povos pré-históricos, esculpam, desenhavam e pintavam pictogramas, baseadas em representações bastante simplificadas, dos objetivos da sua realidade. Nas artes rupestres descreviam sua vida cotidiana, suas conquistas e animais. Eram informações do seu tempo contido nas pinturas, ultrapassando a própria barreira linguística. Os pictogramas são usados até hoje, como símbolos que devem explicar-se por si só. (PARELLADA, 2009).

### 3 HISTÓRIA

A história na sua mais alta acepção, não é menos que a ciência da civilização, desenvolvida através dos tempos, sendo o conjunto de conhecimentos adquiridos através da tradição, ou por meio de documentos, relativos à evolução, ao passado da humanidade. (POMBO, 1928).

A palavra História é de origem grega, e significa investigação, no sentido de analisar e compreender como as sociedades humanas agiam e pensavam e como ainda agem e pensam.

#### 3.1 Desenvolvimento da escrita

O homem antes da linguagem escrita usava símbolos registrando transações comerciais, com fichas de barro que eram guardadas em invólucros chamados de bullae, estes usados de 9000 a.C. a 300 a.C.. (HART-DAVIS, 2009).

**Figura5: Fichas e bullae de barro**



HART-DAVIS, 2009

A escrita é a forma simbólica da linguagem falada, foi a maior invenção do homem, tornando possível preservar pensamentos, experiências e transmitir os conhecimentos obtidos as novas gerações.(HART-DAVIS, 2009).

A partir de pinturas rupestres, pictogramas, escrita protocuneiforme, o homem consegue desenvolver a matemática escrita, pictografada como ideogramas, símbolos dos sumérios, que dada a necessidade de registrar sua produção agrícola e pecuária, a utilizavam como um inventário. Eram feitas também, etiquetas que ficavam presas as sacas de embarque de produtos agrícolas. (KRAMER, 1969).

A escrita era feita em placas de argila úmida (mole) pelos escribas, no tamanho de 3 cm a 50 cm de altura , para caber na palma da mão, nas formas quadrada ou retangular, sendo feita a incisão com estiletos de caniço com uma ponta aguda com linhas finas em curva. Essas escritas continham três dimensões: altura, largura e profundidade.(POZZER, K.M.P.,2004).

**Figura 6: Tabua de inventário**



GUIZZO, 1995

**Figura 7: Símbolos numéricos**

Babilônios	Antigos egípcios	Antigos gregos	Antigos romanos	Antigos chineses	Maia	Indo-árabicos modernos
𐎠		α	I	一	•	1
𐎡		β	II	二	••	2
𐎢		γ	III	三	•••	3
𐎣		δ	IV	四	••••	4
𐎤		ε	V	五	—	5
𐎥		ς	VI	六	—•	6
𐎦		ζ	VII	七	—••	7
𐎧		η	VIII	八	—•••	8
𐎨		θ	IX	九	—••••	9
𐎩		ι	X	十	—•••••	10

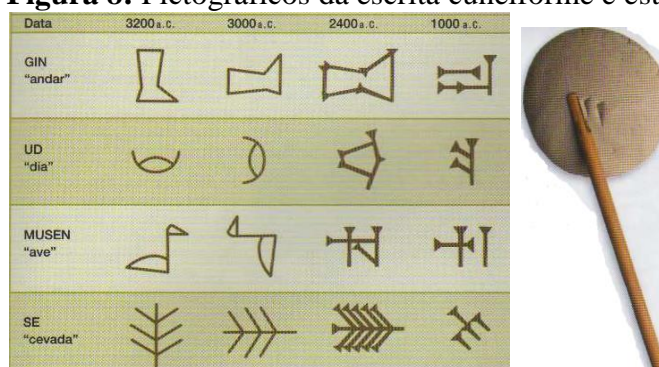
HART-DAVIS, 2010

A escrita surgiu em algumas regiões no mundo, a partir de 3300 a.C.. Na Suméria sendo no sul da Mesopotâmia, Egito, China, Região da Mesoamérica, América do Sul, entre outras, sendo desenvolvida em épocas distintas, com sistemas autônomos. (KARMAL, 2004).

### 3.2.1 Mesopotâmia

A Mesopotâmia esta localizada no deserto do Iraque. A escrita foi desenvolvida através do conhecimento adquirido dos sumérios a partir de 3100 a.C.. Na fase de protocuneiforme os símbolos eram gravados em blocos, fase posterior gravados em colunas verticais, começando no canto superior à direita da placa. Para escrever mais rápido mudaram as técnicas, para fileiras horizontais, assim evitando borrar o texto já escrito com as mãos, lendo da esquerda para a direita de cima para baixo, houve uma mudança girando os sinais para 90 graus, o estilete com a ponta triangular. Mudando a forma de escrever, não mais desenhado, mas uma forma de taquigrafia resultando a escrita cuneiforme, forma de cunha. (KRAMER, 1969).

**Figura 8:** Pictográficos da escrita cuneiforme e estilete



HART-DAVIS, 2009

A mais famosa inscrição cuneiforme em três idiomas: o antigo persa, o acádio e o elemita estão na montanha Behistum no Irã, descreve os triunfos do rei Dário da Pérsia remontando há 2500 anos atrás, sendo 1.306 linhas na altura de 115 metros. (KRAMER, 1969).

### 3.2.2 Egito

Durante quase quinze séculos o homem, não havia decifrado os hieróglifos dos egípcios. O egiptólogo e linguista francês Jean François Champollion em 1822 usou a Pedra de Roseta para decifrar as três formas de escrita, os hieróglifo egípcio, demótico egípcio e grego, comparando nomes idênticos, em todo o texto, permitindo encontrar cada sinal egípcio a partir do grego. (HART-DAVIS, 2009).

Os hieróglifos vêm do grego, hieros significa sagrado e glifos (gluphein) significa gravar, escrever, "gravuras sagrada", foi a combinação de ideogramas de sinais que representam ideias, e fonogramas sinais que representam sons. Quando unidos, formavam textos, não tinham espaços ou pontuação, lidos horizontalmente ou verticalmente, a partir da imagem de criaturas vivas em geral volta-se para o começo da leitura, e os símbolos de cima precedendo sobre os de baixo cada grupo

de sinais, eram simetricamente arrumados num retângulo invisível, usados com frequência para efeitos decorativos, (CASSON, 1969).

Na mudança de material utilizado para escrever, também mudavam a forma de escrita. A hierática era uma foi simplificada dos hieróglifos própria para escrever rapidamente com pincel sobre madeira ou com pena sobre o papiro, aperfeiçoada para a demótica, esta sendo mais cursiva. (CASSON, 1969).

O papiro é uma planta, que sua polpa foi utilizada pelos egípcios para fazer o papel, que levou o seu nome, este chegou a ser fabricado até em rolos, nos quais eram escritos com fuligem ou negro-de-fumo, tintas feitas através de misturas de óleo queimado de candeiros com água e resina de plantas, pigmentos retirados da terra fazendo diferentes colorações. (CASSON, 1969).

Os papiros eram utilizados para escrita de cartas, contas e registros, e literatura de forma geral, muitos desses documentos podem ser lidos com clareza hoje, por terem sido conservados pelo calor do deserto. (CASSON, 1969).

Os hieróglifos eram perfeitos para inscrições talhada nas paredes dos monumentos de pedra, pirâmides, templos, preservando assim os fatos históricos, biografias, sortilégios e preces. (CASSON, 1969).

Os escribas dominavam a escrita, sendo o conhecimento transmitido de pai para filho, faziam uma inscrição no final do texto (colofão), sendo o nome do redator como garantia de autenticidade do documento, no qual nunca registrava sua posição pessoal a respeito do documento que elaborava. (POZZER, 2004).

“É meu filho que faz viver meu nome sobre esta estela”, frase retirada do hieróglifo (figura 9).

**Figura 9:** Frase em hieróglifo



CASSON, 1969

### 3.2.3 China

A escrita chinesa é datada 1300 a.C. na dinastia Shang é a escrita mais antiga, em 221 a.C., as variações foram substituídas na dinastia Qin, para escrita atual, sendo fonte para outras escritas, coreana e japonesa. Os ideogramas chineses eram escritos com tinta e pincéis de pêlo de camelo ou rato, amarrados à ponta de uma vareta, permitindo gravar em várias superfícies como casco de tartaruga, bambus, bronze, papel e seda, sendo que o mais antigo fragmento de papel encontrado, data de 90 d.C.. (KARMAL, 2004).

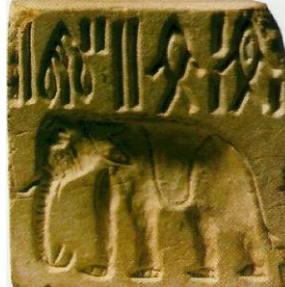
### 3.2.5 Vale do Indo

Localizada em partes da atual Índia, Paquistão e Afeganistão, sua cultura foi desenvolvida a partir da agricultura, com um sofisticado padrão das construções, indicam o planejamento urbano das cidades (HART-DAVIS, 2009).

A escrita extinta deste vale, infelizmente perdeu-se, ou seja, todos os escritos dela recuperados, ainda não foram decifrados, dada a tragédia que ao longo do tempo abateu-se neste vale, ocasionada ao logo de vários anos, por intempéries da natureza e invasões de outros povos.

Vale ressaltar que, tal perda é considerada pelos pesquisadores como inestimável, visto que os escritos datam de 2.500 a.C., sendo que as grandes cidades deste vale ficaram desertas em aproximadamente 1.700 a.C., o que tem impossibilitado trazer à atual civilização a tradução destes precisos escritos.

**Figura 10:** Escrita Vale do Indo



HART-DAVIS, 2009

### 3.2.6 Mesoamérica

A Mesoamérica é a região entre as Américas do Norte e Central, formada pelo Estados Unidos da América, México e parte da América Central. Os olmecas conheciam a escrita, mas os maias desenvolveram uma escrita mais relacionada à fala, o sistema continha 800 glifos (símbolos), conheciam a astronomia, tinham dois calendários: ano sagrado de 260 dias de 13 ciclos de 20 dias, e o ano solar de 365 dias de 18 meses de 20 dias e mais um período desfavorável de 5 dias. (HART-DAVIS, 2009).

Os hieróglifos ou pictogramas dos maias não têm semelhanças com outra forma conhecida escrita. Pelo conhecimento da astronomia são muito precisos com datas e nomes dos governantes nas estelas (monumentos comemorativos), são lidos, em geral da esquerda para a direita de cima para baixo, a dificuldade é que podem tanto ser ideias como sons. (KARMAL, 2004).

### 3.2.7 América do Sul

A localização dos incas é na América do Sul onde hoje se encontra a Bolívia e o Peru. Estes desenvolveram uma escrita muito diferente, original chamada de quipos (quipus) que significa nó, na língua inca, é a única escrita tridimensional do planeta. Ela combina variáveis com cores, grossura dos nós, e um tipo de material para constituir mensagens complexas. (KARMAL, 2004).

**Figura 11:** Quipo



KARMAL, 2004, p.105



### 3.2.8 Fenícia

Localizada na costa do Líbano, a primeira escrita alfabética foi adaptada dos hieróglifos egípcios, cada sinal era expressado por uma consoante, sem a vogal. O alfabeto sofreu modificações sendo acrescentado as vogais, foram usados pelas escritas hebraicas, aramaicas (língua falada por Jesus) e pela fenícia. (KARMAL, 2004).

Na Fenícia o alfabeto continha as vogais, assim influenciando as escritas grega e latina, dando um passo para desenvolver a escrita cursiva. (KARMAL, 2004).

## 4. DOCUMENTOSCOPIA

Documentoscopia deriva do latim “documentus”, e do grego “copain” ou “logus”. É uma ciência que estuda a autenticidade de documentos e a autoria dos grafismos. (TELLES, 2010).

Os teóricos não divergem muitos acerca do conceito de documentoscopia, porem, é oportuno citar o conceito de Mendes:

A documentoscopia se distingue de outras disciplinas, que também se preocupam com os documentos, porque ele tem um cunho nitidamente policial: não se satisfaz com a prova da ilegitimidade do documento, mas procura determinar quem foi o seu autor, os meios empregados, o não ocorre com outras. (MENDES, 2010, p.1).

A grafoscopia constitui parte da documentoscopia e tem com a finalidade verificar a autenticidade e/ou a autoria dos grafismos. Dentro do grafismo temos outras disciplinas tais como a grafologia, caligrafia, paleografia e a criptografia. (PICCHIA, 2005).

Relacionada com este artigo, é a paleografia, que trata do aspecto histórico da escrita, revelando a evolução dos caracteres, mantendo e reavivando os documentos antigos. (PICCHIA, 2005).

### 4.1 Autenticidade

Autenticidade por definição é a qualidade do autêntico, que é do autor a quem se atribuiu, fidedigno.

No começo das descobertas das pinturas rupestres os arqueólogos e antropólogos não detinham conhecimento e capacidade de atribuir a autenticidade dos artefatos, que eram realizadas de forma empírica, baseada na experiência e ou na semelhança. Assim várias descobertas eram consideradas falsas.

Na descoberta da Caverna de Altamira o pesquisador Emile Cartilhac, relatou que as pinturas rupestres da caverna seriam obras de pastores da Idade Média. (<http://museodealtamira.mcu.es/>, 2012).

A partir de 1885 foram descobertas outras cavernas na França, Cartailhac revê seu ponto de vista, dando autenticidade por semelhança, assim escreveu na revista *L'Antropologie* (1902) um artigo intitulado *La grotte d' Altamira. Mea culpa d'um sceptique*. (<http://museodealtamira.mcu.es/>, 2012).

Quando o homem começou a ter a capacidade de se organizar em sociedade, precisou criar métodos, usando selos cilíndricos, como certificação de documentos importantes, contendo o nome da autoridade e símbolos do seu poder, feitos de pedra hematita e madrepérola, sendo rolados sobre o envelope de argila, ou mesmo na placa, para garantir sua autenticidade, inventou assim a assinatura. (KARMAL, 2004).

**Figura12:** Imagens do selo cilíndrico



KARMAL, 2004

**Figura13:** Assinatura



HART-DAVIS, 2009

Champollion apontou a primeira fraude na história, em hieróglifos egípcios, onde foram feitas modificações através de raspagem, ou e outras alterações, por reis, para apodera-se das glórias, dos que arquitetaram os monumentos comemorativos. (PICCHIA, 2005).

#### 4.2. Métodos de datação

Todo trabalho de pesquisa nos artefatos arqueológicos apontado até o presente neste artigo, foram feitos a partir de testes com elementos químicos e materiais específicos para tal destino, portanto, tornar-se necessário fazer uma rápida explanação de tais métodos.

Para que os métodos dos vestígios arqueológicos tenham sua autenticidade confirmada, pesquisas científicas foram desenvolvidas com base na taxa de decaimento de isótopos radioativos.

A técnica de datação por decaimento do radicarbono (isótopo radioativo, carbono 14), foi desenvolvida em 1946, pelo pesquisado Willard Frank Libby recebendo o Prêmio Nobel de Química em 1960. (FARIAS, 2002).

Esta técnica foi desenvolvida a partir da descoberta que o Carbono 14 (C 14), presente na matéria orgânica. Para que se tenham a datação através do Carbono 14 é necessário o decaimento da matéria orgânica morta, alterando com o passar do tempo, com determinada velocidade. (FARIAS, 2002).

Para artefatos que não contenham matéria orgânica, são datados por outros isótopos radioativos como o Tório (Th) e o Urânio (U). (PIKE, 2012).

### 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação é algo nato em todos os animais, porém, a comunicação escrita é aspecto privativo do homem. Tal necessidade de comunicar-se por escrito data da Pré-História, momento em que os povos começaram a deixar registros em cavernas e paredes a céu aberto através do que chamamos de pinturas rupestres, ficando assim registrada sua passagem e permitindo estabelecer a evolução humana.

A partir da escrita o homem passou a ter história, pois são documentados todos seus feitos, assim sendo que a evolução do homem a partir da escrita foi muito mais

rápida e crescente que na época da Pré-História, em que não existindo, se dava apenas a comunicação visual, que se perpetrou através dos desenhos.

Evoluído, o homem sentiu a necessidade de dar personalidade aos seus documentos e transformá-los em algo fidedigno. Assim foram produzidos os timbres e selos, em garantia e certificação da autoria, tendo estes selos características de nossa atual assinatura.

A autenticidade de todos os artefatos da Pré-História, como do início da História, só tiveram validade, porque neles foram empregados métodos de datação.

Pesquisadores debruçaram-se e ainda o fazem, nos artefatos arqueológicos como forma de resgatar um pouco do passado, buscando em tais pesquisas maior clareza da evolução humana.

Portanto temos de nos curvar aos povos primitivos que deram início à comunicação, uma vez que é através dela que o homem está sempre em evolução.

### ***Agradecimentos***

Agradeço a professora Virgínia Telles, pelas aulas exuberantes, conseguindo nos arremeter a uma sala de perícia documentoscópica, pela clareza e qualidade ao transmitir seus conhecimentos, sempre disposta a esclarecer qualquer dúvida, com muita paciência e carinho. A professora Alice Chasin pela coordenação do curso, sempre dando o melhor. Agradeço a companheira de curso, minha grande amiga, sempre presente, dando apoio em todos os momentos, mais que uma irmã, Rita Amabile. Agradeço ao meu esposo, companheiro de todas as horas, pela preocupação e carinho, Raul, e aos meus filhos Ricardo, Daniel e César, pelo incentivo e carinho.

### **REFERÊNCIA**

CASSON, L. *O Antigo Egito*, Rio de Janeiro, Brasil, Livraria Jose Olympio Editora S.A, 1969, p.153-171.

FARIAS, R. F. *A química do tempo: carbono-14*, QNEsc, v. 16, p. 6-8, novembro de 2002.

GUIZZO, J.; FUNARI, P.P.A. *Dicionário Visual, Antigas civilizações*, A DORLING KINDERSLEY BOOK, Editora de Publicaciones S.A., Santiago, Chile, Edição Brasileira, Editora Ática S.A., circular no Jornal da Tarde, Brasil, 1995, p.126-179.

HART-DAVIS, A.; MARIN, L.C.P. *160 Séculos de Ciência*, São Paulo, Brasil, Duetto Editorial, 2010, p. 11-57.

HART-DAVIS, A.; PAVAM, C.A. *Coleção Enciclopédia Ilustrada de História*, São Paulo, Brasil, Duetto Editorial, 2009, p. 11-144.

KARMAL, L.; NETO, FREITAS J.A. *A Escrita da Memória*, São Paulo, Brasil, Instituto Cultural Banco Santos, 2004, p. 13-119.

KARMAL, L.; NETO, FREITAS, J.A. *A Escrita da Memória: Interpretação e Análises Documentais*, São Paulo, Brasil, Instituto Cultural Banco Santos, 2004, p.63-91.

KRAMER, S.N. *Mesopotâmia O Berço da Civilização*, Rio de Janeiro, Brasil, Livraria Jose Olympio Editora S.A, 1969, p.125-144.

LUSTOSA, A.H.; MEDEIROS, E. *Parque Nacional Sete Cidades Piauí*, Brasil, Halley Gráfica e Editora, Realização: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA/PI), maio de 2002

- OLIVIERI, A.C. *Pré-História* 9ª ed. São Paulo, Editora Ática, 1996, p. 27-35.
- PARELLADA, C.I. *Arte Rupestre no Paraná*, revista científica/ Fap, Curitiba, Paraná, Brasil, v.4, n.1, p.1-25, jan./jun. 2009.
- PICCHIA, J.D.F.; PICCHIA, C.M.R.D.; PICCHIA, A.M.G.D. *Tratado de Documentoscopia da Falsidade Documental*, 2ªed. São Paulo, Editora Pillares, 2005, p. 38-41
- PIKE, A. W. G.; HOFFMANN, D. L.; GARCIA-DIEZ, M.; PETTITT, P.B.; LCOLEA, J.; DE BALBIN, R.; GONZÁLEZ-SAINZ, C.; HERAS, C.; LASHERAS, J.A.; MONTES, R.; ZILHÃO, J. *U-series dating of Palaeolithic Art in 11 Caves in Spain*, Science, vol.336, nº6087, p.1409-1413, 15 June 2012
- POMBO, R. *Historia Universal*, 12ª ed. São Paulo, Editora Comp. Melhoramentos de São Paulo, 1928, p.5.
- POZZER, K.M.P. *A Palavra de Argila e a Memória da História, em, A escrita da Memória : Interpretação e Análises Documentais*, São Paulo, Brasil, Instituto Cultural Banco Santos, 2004, p.63-91.
- SAIZ-JIMENEZ, C.; CUEZVA S.; JURADO, V.; FERMANDES-CORTES, A.; PORCA, E. ; BENAVENTE, D.; CANAVERAS, J.C.; SANCHENZ-MORAL, S. *Paleolithic Art in Peril: Policy and Science Collide at Altamira Cave*, Science, 7 outubro 2011.
- TELLES, V.L.C.N. *Documentoscopia*. Secretaria de Segurança Pública Superintendência da Polícia Técnico-Científica, 2010.
- <http://www.lascaux.culture.fr..julho>, Aujoulat, N.© MCC-CNP, Ministère de la Culture et de la Communication(MCC), 2012. 03/08/2012
- <http://museodealtamira.mcu.es/>, Museu Nacional e Centro de Pesquisa de Altamira 2012, 26/07/2012